

INICIAÇÃO ÀS INVESTIGAÇÕES SOBRE ANGULADORES

Angelina Aparecida de Pina (UFRJ)

INTRODUÇÃO

Anguladores é o termo equivalente, em português, para *hed-ges*. Essa denominação, criada por Almeida (1999), será utilizada neste artigo como um esforço para firmá-la na literatura acadêmica produzida no Brasil.

Nas seções subseqüentes, serão apresentados os resultados de algumas das principais pesquisas sobre anguladores realizadas desde o início da década de 70 até os dias de hoje. A ênfase será nos avanços teóricos obtidos, ao logo dos anos, através da contribuição de trabalhos com abordagens variadas.

PRIMEIROS TRABALHOS

O assunto “anguladores” foi introduzido nas investigações lingüísticas por Lakoff (1972). O autor não estava interessado no valor comunicativo do emprego de anguladores, mas preocupado com as propriedades lógicas de palavras e sintagmas como *rather*, *largely*, *a kind of*, e *loosely speaking*, em sua habilidade para tornar os significados “mais imprecisos ou menos imprecisos”. Como define o autor (1972: 195), o significado dos anguladores “implicitamente envolve imprecisão (*fuzziness*)”.

Do ponto de vista da cognição, em uma pesquisa centrada em protótipos semânticos, Rosch (1978) afirma que os anguladores são mecanismos lingüísticos para “codificar” gradações de pertencimento categorial. Sob essa perspectiva, a formulação de conceitos na comunicação diária requer o emprego de anguladores porque conceitos (ex. ‘peixe’) evocam imagens prototípicas em nossas mentes, de sorte que é necessário marcar seus representantes menos prototípicos. Isto é, se marcamos um conceito com um angulador, não nos referimos a um representante prototípico da classe, mas a um representante não-prototípico. Portanto, uma sentença como “*A baleia é um tipo de peixe.*” é aceitável, uma vez que o angulador *um tipo de* fle-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

xibiliza as fronteiras da categoria ‘peixe’ (focalizando apenas características periféricas como vive no mar, tem nadadeiras, etc.), permitindo que a baleia seja incluída nessa categoria.

Em outras palavras, tanto Lakoff (1972) como Rosch (1978) assinalam que os anguladores alteram o grau de pertencimento de dada entidade a uma categoria lingüística.

ANGULADORES EM PRAGMÁTICA

Ao longo dos anos, o conceito de angulador foi sendo ampliado, especialmente desde de que foi adotado por pragmatistas e analistas do discurso. Nos dias de hoje, o termo não se restringe apenas a expressões que modificam o pertencimento de um predicado ou sintagma nominal a uma categoria.

Na verdade, Lakoff (1972: 213) já havia apontado brevemente a possibilidade de os anguladores poderem “interagir com condições de felicidade para enunciações e com regras de conversação”.

Em seu artigo “Hedged Performatives” (Performativos Angulados), Fraser (1975) analisou verbos modais do ponto de vista da pragmática. Considerando o efeito que modais e semi-modais têm sobre o ato ilocucionário denotado por um verbo performativo em sentenças performativas como “*Eu devo aconselha-lo a ficar quieto.*”, Fraser sustenta que modais como *must* (dever) isentam o falante de responsabilidade. O autor denomina esses casos “performativos angulados”, sem, contudo, nomear os modais “anguladores”. Em publicações mais recentes, Fraser lida com o emprego de anguladores do ponto de vista da pesquisa sobre atenuação e polidez (1980) e do ponto de vista dos marcadores discursivos (1990).

Outros pesquisadores, como House & Kasper (1981) e BLUM-KULKA & OHLSTEIN (1984), têm também analisado anguladores como um meio de modificar certos tipos de atos de fala, especialmente pedidos e desculpas.

Em adição à idéia de performativos angulados, o conceito foi também ampliado em outro sentido quando os anguladores foram tomados como modificadores do comprometimento do falante com a

verdade de uma proposição inteira, não apenas do pertencimento de parte dela a uma categoria.

Sendo assim, Vande Kopple (1985), em sua categorização dos tipos de metadiscurso, considera o emprego de anguladores como denotando uma falta de comprometimento completo com o conteúdo proposicional de uma enunciação. Em outras palavras, para ele, os anguladores (ex. *perhaps, seem, might, to a certain extent*) modificam o valor-verdade da proposição inteira, em vez de tornar mais imprecisos os elementos individuais da proposição.

Anguladores e polidez

Quanto à motivação para empregar anguladores, as pesquisas têm se concentrado na oralidade e o fator mais frequentemente discutido tem sido a polidez, como definida por Brown & Levinson (1987).

Segundo esses autores, anguladores são principalmente utilizados como recursos de polidez negativa no salvamento de face. Na polidez positiva, anguladores, como *inacreditável* e *de certa forma*, figuram apenas em opiniões, tornando-as “seguramente” imprecisas, de sorte que cabe ao ouvinte interpretá-las. Nas estratégias de polidez negativa, os anguladores são utilizados para modificar (atenuar ou intensificar) a força ilocucionária de uma enunciação ou para licenciar a violação das quatro Máximas Griceanas. Em ambos os casos, a motivação para o emprego de anguladores é o desejo de salvar a face, tanto do ouvinte como do falante.

Embora Brown & Levinson (1987: 67) afirmem que é possível distinguir entre atos que primariamente ameaçam a face do falante e atos que ameaçam a face do ouvinte, eles admitem que estes últimos são também ameaças potenciais ao falante. Portanto, em sua discussão de polidez e os modos para expressá-la, são os desejos da face do ouvinte que são enfatizados.

Entretanto, é possível enfatizar a importância dos anguladores para a face do falante. Seu emprego pode ser motivado, por exemplo, por receio de que, posteriormente, se constate que sua enunciação foi equivocada. Portanto, se o falante não tem certeza sobre o conteúdo da proposição, ele pode optar por ser impreciso ou atenuar seu com-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

prometimento com o valor-verdade da proposição, de modo que seu equívoco seria facilmente justificado. Essa explicação é apoiada pela visão de Hübler (1983) de que o motivo para empregar anguladores é tornar as sentenças mais aceitáveis para o ouvinte e, portanto, aumentar suas chances de ratificação e, por conseguinte, reduzir o risco de negação (inerente às sentenças).

Portanto, em toda comunicação, enquanto mostra deferência e respeito pelo ouvinte, o falante também tenta proteger-se de hostilidade, desprezo ou outra humilhação potencial por parte do ouvinte. Ambos os desejos estão presentes em todas as situações comunicativas, mas uma pode ser mais forte que a outra em um caso específico. Sendo assim, em algumas situações, o desejo de proteger a si mesmo da negação potencial de suas enunciações pode ser maior que o desejo de mostrar deferência pelo ouvinte. Quanto maior a certeza do falante sobre sua posição vis-à-vis o ouvinte, menor a necessidade de empregar anguladores para o propósito de auto-proteção.

No tocante às pesquisas sobre textos escritos, a polidez também tem sido vista como o fator motivador para empregar anguladores. Discutindo o papel dos anguladores em textos científicos, Myers (1989) propõe que o emprego de anguladores tem a função de expressar polidez negativa, mais especificamente, para marcar uma afirmação “como sendo provisória, aguardando aceitação na literatura, aceitação pela comunidade” (MYERS, 1989: 13).

Admite-se também que, na escrita acadêmica, o emprego de anguladores varia de acordo com o campo que o escritor representa, isto é, que há campos científicos em que o emprego de anguladores é mais freqüente que em outros. Textos de campos como a Linguística e a Filosofia, por exemplo, contêm mais anguladores que textos de ciências naturais e tecnológicas devido às bases de argumentação diferentes nesses campos. A argumentação na Filosofia não se baseia em apresentar dados experimentais e evidências concretas, como nas ciências naturais e tecnológicas. Como aponta Spillner (1983: 35), em textos em que a utilização de dados experimentais e dedução lógica são menos importantes, o estilo de escrita torna-se um elemento essencial para alcançar credibilidade. A persuasão de um argumento nesses textos depende do emprego de recursos linguísticos, incluindo anguladores (MARKKANEN & SCHRÖDER 1989, 1992).

De acordo com Markkanen & Schröder (1992), os anguladores fornecem uma possibilidade para a manipulação textual no sentido de que tornam obscura para o leitor a identidade do responsável pelo valor-verdade da proposição. Tomando como ponto de partida um critério puramente funcional, Markkanen & Schröder consideram como anguladores – pelo menos na escrita científica – o emprego de certos pronomes e a evitação de outros, o emprego de construções impessoais, passivas e outras construções sem agente, bem como o emprego de verbos, advérbios e partículas modais.

Assim como em textos acadêmicos, o emprego de anguladores em textos jornalísticos limita o comprometimento do escritor com o que ele propõe, e o ajuda a evitar erros. Clemen (2002: 43) inclui entre os “anguladores convencionais” empregados em textos jornalísticos verbos epistêmicos, como *seem*, *appear*, *think*, que expressam conhecimento derivado de opinião pessoal, e os verbos modais, especialmente *may*. Os verbos modais marcam a atitude do escritor com relação à proposição. Na análise dos anguladores, é o significado epistêmico (certeza ou incerteza) que é de interesse central (CLEMEN, 2002).

Anguladores e modalidade

Como é possível notar, os anguladores e a modalidade guardam entre si uma estreita relação. Essa relação é muito clara no caso de verbos modais com significados epistêmicos. Por exemplo, quando anguladores são tomados como modificadores do comprometimento com o valor-verdade das proposições, o auxiliar modal inglês *may* é sempre listado como um exemplo típico de angulador. Portanto, na frase “*It may be true.*” (Deve ser verdade.), *may* é um angulador que expressa modalidade epistêmica.

De acordo com Palmer (1988, p. 63), os anguladores, como *I think*, *certainly*, *possibly*, são exclusivamente elementos instanciadores da modalidade epistêmica, utilizados para modificar o grau de comprometimento do falante com relação à verdade da proposição.

ANGULADORES: UMA CATEGORIA FUNCIONAL

Tomando como fundamentação teórica os pressupostos básicos da Linguística Cognitiva, Almeida (1999, 2004) vem se dedicando a caracterizar os anguladores como construções gramaticais que formam uma categoria funcional híbrida, realizada por elementos provenientes de diferentes classes lexicais (adjetivos, advérbios, locuções prepositivas e adverbiais, verbos, orações reduzidas e desenvolvidas).

Tendo em vista as diferenças morfológicas e sintáticas dos anguladores, a autora trabalha com a noção de radialidade categorial, segundo a qual uma categoria pode ter elementos mais centrais (que expressam mais as propriedades da categoria) e elementos mais periféricos (que se afastam mais ou menos desse centro).

Ao investigar o funcionamento dos anguladores em português, a autora (1999:135) descobre que um aspecto comum a todos os anguladores é o fato de “serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo”. Por essa razão, ela propõe que os anguladores sejam tratados como uma subcategoria da modalidade. Para a autora (2004), a modalidade expressa pelos anguladores tanto pode ser deontica como epistêmica, e não exclusivamente epistêmica como havia sido proposto por Palmer (1988). Uma vez que os anguladores são considerados como elementos modalizadores, eles gerenciam a interação.

São exemplos de anguladores do português: *uma forma de, um tipo de, praticamente, de um modo geral, estritamente falando, de certa maneira, em certos aspectos, etc.*

CONCLUSÃO

O imenso aumento nas atividades de pesquisa desde os anos 80 pode ser atribuído à ampliação do conceito de anguladores. Nos anos 70, os anguladores eram quase exclusivamente vistos do ponto de vista semântico. Na década seguinte, o conceito de anguladores foi sendo ampliado por causa da crescente influência da pesquisa pragmática. Em pragmática, os anguladores são vistos como realiza-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

ções de estratégias interacionais/comunicativas que se relacionam estreitamente com as noções de atenuação, polidez e modalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. “Anguladores: a categoria e sua relação com a modalidade.” Projeto de Pós-doutorado, 2004. [digit.]

———. “Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil.” *Veredas – revista de estudos lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n.1, jan./jun. 1999, p. 129-142.

BLUM-KULKA, Shoshana & OHLSTEIN, Elana. “Requests and apologies: A cross-cultural study of speech act realization patterns”. *Applied Linguistics*. v. 5/3. 1984. p. 196-213.

BROWN, Penelope and LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CLEMEN, Gudrun. “Hedging in English Journalistic Economics”. Proceedings of the University of Vaasa Reports – Selvityksiä Ja Raportteja 93, 2002. p. 41-47.

FRASER, Bruce “An approach to discourse markers”. *Journal of Pragmatics*, 1990. p. 383-395.

———. “Conversational Mitigation”. *Journal of Pragmatics*, 1980, p. 341-350.

———. “Hedged Performatives”. In: COLE, p. & MORGAN, J. L. (ed.). *Syntax and Semantics*. v. 3. New York: Academic Press, 1975, p. 187-210.

HOUSE, Juliane & KASPER, Gabriele. “Politeness Markers in English and in German”, In: COULMAS, F. (ed.). *Conversational Routines*. The Hague: Mouton de Gruyter, 1981. p. 157-185.

HÜBLER, Axel. “Understatements and Hedges in English”. *Pragmatics and Beyond* 6. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LAKOFF, George. "Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts", *Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1972, p. 183-228.

MARKKANEN, Raija & SCHRÖDER, Hartmut. "Hedging as a translation problem in scientific texts". In: LAURÉN, C. & NORDMAN, M. (ed.). *Special languages: from humans thinking to thinking machines*. Clevedon / Philadelphia: Multilingual Matters, 1989, p. 171-175.

———. "Hedging and its linguistic realization in German, English, and Finnish philosophical texts: a case study". In: NORDMANN, M. (ed.). *Fachsprachliche Miniaturen*. Festschrift für Christer Laurén. Frankfurt am Main et al.: Peter Lang, 1992. p. 121-130.

MYERS, Greg. "The pragmatics of politeness in scientific articles". *Applied Linguistics* 10, 1989. p. 1-35.

PALMER, Frank R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ROSCH, Eleanor. "Principles of Categorization". In: — & LLOYD, B. (ed.). *Cognition and Categorization*. Hillsday / New Jersey: Erlbaum Ass, 1978. p. 27-48.

SPILLNER, Bernd. "Methodische Aufgaben der Fachsprachforschung und ihre Konsequenzen für den Fremdsprachenunterricht". In: KELZ, H. p. (ed.). *Fachsprache 1: Sprachanalyse und Vermittlungsmethoden*. Bonn: Dümmler, 1983, p. 16-29.

VANDE KOPPLE, William. "Some exploratory discourse on meta-discourse". *College Composition and Communication* 36, 1985, p. 82-93.